

# LITERATURA DE VIAGEM

Grace Macedo\*  
Miguel Nenevé \*\*

## Resumo

Portugueses e espanhóis se admiravam da beleza e do mistério da região de floresta densa, de rios caudalosos e mulheres bonitas e valentes. Escreviam sobre as "amazonas", sobre seus mistérios e os da terra em que habitavam. Haveria riquezas? Aqui chegava o europeu poderoso, o que veio para civilizar "essa gente sem modos." Século XX, o olhar dos que por aqui passam não mudou muito, os homens do "primeiro mundo" ainda vêm a Amazônia sob o mesmo olhar colonizador de séculos atrás. Atualmente podemos perceber por entre um discurso supostamente ecológico, ranços de uma visão ultrapassada onde a maneira de se auto-afirmar como superior é comparar-se a um povo supostamente "inferior".

**Palavras- Chave:** Amazônia, Homem e Exploração.

## Abstract

Portuguese and Spanish they wondered of the beauty and of the mystery of the area of dense forest, of torrential rivers and beautiful and valiant women. They wrote on the "amazon", on your mysteries and the one of the earth in that inhabited. Would there be wealth? Here the powerful European arrived, what came to civilize "that people without manners". Century XX, the glance of the ones that for here they pass it didn't change a lot, the men of the "first world" still see behind the Amazonian under the same glance settler of centuries. Now we can notice for among a speech supposedly ecological, rancidities of a surpassed vision where the way to solemnity-affirm as superior is to compare to a people supposedly "inferior".

**Key-Words:** Amazonian, Man and Exploration.

Século XVI, época de descobrir, conquistar e explorar. Por aqui, bem distante do litoral baiano, onde tudo "acontecia", portugueses e espanhóis se admiravam da beleza e do mistério da região de floresta densa, de rios caudalosos e mulheres bonitas e valentes. Escreviam sobre as "amazonas", sobre seus mistérios e os da terra em que habitavam. Haveria riquezas? Aqui chegava o europeu poderoso, o que veio para civilizar "essa gente sem modos." Século XX, o olhar dos que por aqui passam não mudou muito, os homens do "primeiro mundo" ainda vêem a Amazônia sob o mesmo olhar colonizador de séculos atrás. Atualmente podemos perceber por entre um discurso supostamente ecológico, ranços de uma visão ultrapassada onde a maneira de se auto-afirmar como superior é comparar-se a um povo supostamente "inferior". Neste aspecto é interessante pesquisar até que ponto o que se escreve atualmente sobre a Amazônia ainda tem de discurso colonial, discurso que apresenta o homem desta região e do Brasil de um modo geral como inferior, incapaz de perceber o que as pessoas do "primeiro mundo" percebem. Nossa pesquisa, portanto, procura analisar algumas obras escritas por estrangeiras sobre a Amazônia como um discurso de "primeiro mundo" civilizado em oposição a "terceiro mundo" desordenado, bárbaro e que necessita de cuidados. Concentramos nossa análise em obras publicadas após a morte de Chico Mendes em 1988 que teve grande repercussão na mídia internacional.

Após a trágica morte de Chico Mendes, figura internacionalmente conhecida e admirada por sua contribuição para a preservação da floresta amazônica, muitos jornalistas e escritores vieram observar como os brasileiros estavam destruindo "o futuro do mundo." A maioria desses escritores são estrangeiros do "primeiro mundo" que por aqui aparecem freqüentemente equipados com uma leitura de almanaque, (ou um "South American Guide"), remédios, bíblia, instruções de como evitar problemas com os incivilizados e um manual de boas maneiras ou de "civilização" para ensinar aos incautos. Muitos observadores que vêm para cá, portanto, já têm um conceito preestabelecido, fixo e embora "in loco", vêem o que querem ver, escrevem a "verdade" sobre a Amazônia que querem ensinar e que o primeiro mundo gosta de divulgar. Neste estudo, portanto, pretendemos restringir nossa leitura à questão do discurso colonial presente em duas obras que são muito populares

nos Estados Unidos, embora não muito conhecidas dos brasileiros: **The Burning Season** de A. Revkin e **The World is Burning** de Alex Shoumatoff. Antes de comentarmos o livros, porém, gostaríamos de fazer um brevíssimo comentário sobre a crítica de literatura de viagem colonialista.

Mary Louise Pratt em seu livro **Imperial Eyes** comenta como é possível perceber na literatura de viagem uma prática discursiva sobre as terras "distantes" e exóticas. A crítica canadense argumenta que é possível ver nos livros publicados no "primeiro mundo" uma tendência a classificar, sistematizar e julgar o "outro" de acordo com interesses colonizadores. Muitas obras descrevem a terra e tudo o que nela existe mas "fazem de tudo para minimizar a presença humana" (59). Quando os escritores mencionam as pessoas, as mencionam como pessoas de costumes estranhos, sujos, preguiçosos, sem iniciativa que precisam da presença de pessoas "superiores" para elevar seu nível de vida. Pratt sustenta que há uma invenção da América de acordo com o interesse colonizador das pessoas do primeiro mundo. Da mesma forma, percebe-se a "Invenção da Amazônia" como analisa a professora da Universidade Federal do Amazonas, Neide Gondin. Ou como diz o crítico Edward Said quando se refere ao discurso europeu sobre o Oriente, "o oriente foi quase uma invenção européia." Em **Orientalismo** Edward Said expõe a estratégia imperial de controle de outros povos através da manipulação de conhecimento e imposição de uma verdade. Assim a Amazônia, o Brasil, a América, os "outros" são inventados para satisfazer a necessidade de dominação e para manter a autoridade do primeiro mundo sobre nós. É assim que estão sujeitos a olhares, a críticas, a julgamentos de pessoas superiores. A preocupação ecológica, portanto, não é o único "motif" nos livros sobre a Amazônia. Há outros discursos como podemos observar, por exemplo, em **The Burning Season** de A. Revkin.

Em **The Burning Season**, publicado em 1990, percebemos uma preocupação em criticar a atuação do próprios estrangeiros em relação à região amazônica : "regiões selvagens da terra têm sempre sido observadas pelos seres humanos como um local a ser dominado, colonizado e explorado." Esta crítica, no entanto, não elimina a visão colonialista do autor sobre Amazônia que é vista e generalizada como uma terra sem lei, sem ordem onde todos os pecados são possíveis. Isto reflete a teoria de Said que defende que

os "civilizados" vêem as regiões incivilizadas como o local onde tudo pode ser permitido.

Revkin se propõe a contar a nossa história, descrevendo a saga da borracha como "uma das formas mais estranhas, mais brutais de exploração do trabalho na história moderna." O autor aponta esse momento histórico como o início de todas as atrocidades cometidas na região, culminando, é claro, com a morte de Chico Mendes, que, segundo o autor, seria um procedimento comum por aquelas "bandas" remotas da civilização, bem diferente do sul do Brasil: "O motivo principal pelo qual Darcy se mudou para a Amazônia foi que a região é um dos últimos lugares do mundo onde tudo o que fizesse estaria certo." A região e os costumes das pessoas que nela habitam são descritos como algo exótico e assustador que contrasta com a beleza sempre admirada. Aqui, diferentemente do primeiro mundo, nada funciona como no primeiro mundo, não há verdade, não lógica: primeiramente os oficiais americanos tentaram estabelecer seu próprio sistema de barcos e armazéns para coletar a borracha diretamente dos seringueiros. Era uma idéia lógica, mas lógica não se aplica à Amazônia." Percebe-se que o autor divulga a idéia de que tudo isso precisa de proteção pelos homens de bem, os cidadãos do "primeiro mundo", com visão superior. Esta região e este país sul-americano precisam ser conhecidos, analisados e ensinados por quem já é mais desenvolvido, mais ordenado, mais civilizado. Isto percebe-se, talvez mais claramente, em outro livro que é objeto de nosso estudo.

**The World is Burning: Murder in the Rain Forest** de Shoumatoff foi também publicado em 1990 nos Estados Unidos e tem como epígrafe uma passagem de Macbeth de Shakespeare: "Ah pobre país! Que tem medo de conhecer-se a si próprio. Não pode ser chamado nossa pátria, mas nosso túmulo porque nela ri só quem ignora tudo.." Este trecho de Shakespeare falando do "pobre país" é, logicamente, aplicado ao Brasil onde, segundo o autor, todo o tipo de atrocidades acontece e nada se resolve. Ao mesmo tempo em que o autor apresenta o desejo de solidarizar-se com os povos daqui, ele deixa transparecer a sua crença que só alguém de um país superior pode observar a verdade. As pessoas daqui não são acostumadas à verdade e não podem perceber o que um americano percebe, pois, como Revkin, ele acredita que a verdade não reside na Amazônia: "Quanto mais pesquisa se faz na

Amazônia, mais se percebe que a verdade não mora ali, não está firmemente enraizada e alojada em fatos e números do jeito que está no primeiro mundo "(25).

Transmite-se ao leitor uma dicotomia entre a Amazônia, onde a verdade não reside e o "Primeiro Mundo" possuidor da verdade. Como analisa Edward Said, para o colonizador há a necessidade de contrapor a idéia de "primeiro mundo" com os outros, os inferiores. Impõe-se uma verdade através de discurso que tenta autenticar a posição privilegiada do colonizador. Assim o retrato do colonizado inclui a preguiça, a inaptidão, a inoperância em contraposição às virtudes do colonizador que é ativo, inteligente e percebe com facilidade o que deve ser feito. Shoumatoff, por exemplo, elogia a hospitalidade dos amazônicos, mas refere-se constantemente à sua "sonolência, inação, passividade, inoperância" que aliás não é privilégio só do quem habita esta região, mas de todos os latino-americanos : "A primeira reação instintiva na América Latina é a inação, a suspeita, a *inoperância* (144). Esta sonolência, inatividade, este marasmo, segundo Shoumatoff é uma constante, uma marca registrada de nós latino-americanos. Em Xapuri, diz o autor, um ano após a agitação da morte de Chico Mendes, as pessoas "raramente deixavam suas varandas e passavam o seu tempo percorrendo seus dedos na cabeça dos outros à procura de pulga [sic] (234). Os brasileiros não podem perceber a grandiosidade das coisas e o brasileiro comum está sempre mais interessado na Copa do Mundo do que na questão de a Amazônia ser brasileira ou não (287). Através destas afirmações, sugere-se que esta região precisa de alguém que a desperte, que a ensine que a proteja. Como diz Albert Memmi em sua obra **O Colonizador e o Colonizado**, "toda a vez que o colonizador afirma em sua linguagem que o colonizado é fisicamente e moralmente fraco ele está sugerindo que esta fraqueza precisa proteção." Os brasileiros e amazônicos precisam da "proteção" americana ou européia para entender o significado das coisas que acontecem na Amazônia. The World is Burning revela este discurso de autoridade de um americano, que descreve, analisa e ensina de uma forma bem generalizada como são os brasileiros.

Além de referir-se à fraqueza moral do colonizado, percebe-se também que o autor faz afirmações genéricas sobre a violência dos latino-americanos, dos brasileiros e, conseqüentemente, dos amazônicos. As pessoas no Brasil

são violentas, não respeitam animais que "são chutados na rua e deixados morrer de fome" (45). Mais adiante, afirma o autor que há muito perigo em andar nas ruas do Brasil porque os motoristas são muito violentos. Os pedestres, por exemplo, jamais são respeitados: "No Brasil o homem atrás do volante tem todo o direito sobre o caminho. Se o pedestre for muito velho ou devagar, já era" (287). Ao mesmo tempo em que isso pode ser parcialmente verdadeiro é também falso porque generaliza ao afirmar que brasileiro nenhum respeita o pedestre. A Amazônia é como o velho "Wild West" só que menos excitante porque o calor deixa a vida muito pachorrenta:

The Amazon has a soporific effect. It's a big part of the inoperânciaproblem. You need frequent fixes of nicotine and caffeine to keepgoing. So many things conspire against your remaining on shcedule and on the ball. It's a constant struggle just to maintain consciousness, to fight off tropical entropy, torpid, rachitic, stultified, paranoid paralysis... You start making mistakes. Accidents happen. (177)

[A Amazônia tem um efeito soporífero. É uma grande parte do problema da inoperância. Precisa-se de freqüentes doses de nicotina e cafeína para manter-se em atividade. Muitas coisas conspiram contra a gente para que não se cumpra o que se tem planejado. É uma luta constante só para se manter consciente, para derrotar a entropia tropical, a paralisia mórbida, paranóide, raquítica, entorpecente, frustrante... Começa-se a cometer erros. Acidentes acontecem.]

Estas "verdades" sobre a Amazônia e o "Terceiro Mundo" são apoiadas pelo poder e "autoridade" que a cultura à qual os escritores pertencem tem sobre Rondônia. Ao mesmo tempo, podemos dizer que este discurso é também uma estratégia para manter a autoridade deles sobre **nosotros**.

Logicamente não se quer afirmar que tudo o que se escreve sobre a Amazônia tem sempre a intenção colonizadora, dominadora. Deve-se reconhecer a importância do que se investigou e se escreveu sobre esta parte do planeta . Também é necessário reconhecer, por exemplo, que a pressão

internacional foi importante para o julgamento dos assassinos de Chico Mendes, como tem sido importante para a questão ecológica. Seria ingenuidade não perceber isto. Nossa pesquisa, no entanto, procura analisar a outra presença nestas publicações, a presença de um discurso e que tipo de discurso é este. Acreditamos que o leitor deve estar atento para estas questões e ler sob uma perspectiva de colonizado que precisa se descolonizar de conceitos generalizadores que os ditos "superiores" fazem sobre nós. Estas duas obras são exemplos de literatura escrita sobre a Amazônia após a morte de Chico Mendes. Há muitas outras obras deste mesmo gênero, escritas neste período que precisam ser conhecidas, analisadas e julgadas usando diferentes perspectivas. Acreditamos que é importante para nós latino-americanos, brasileiros, amazônicos e terceiro-mundistas conhecer, discutir e, se necessário, desconstruir o que se tem falado sobre nós.

**\* Professora de Língua e literatura/pesquisadora**

**\* Doutor em Lit. Anglo-Americana / pesquisador/UFRO**